

UM CAMINHO EM PROCESSO: EXPERIÊNCIAS EM INTERNACIONALIZAÇÃO A PARTIR DO PROGRAMA CAPES PRINT

Patrícia Silveira de Farias

1. Introdução

O presente artigo tem o objetivo de descrever e discutir um processo de construção de uma compreensão ampliada do que é e do que pode ser a internacionalização do ensino superior brasileiro, a partir de recursos proporcionados pelo Programa Capes Print. Para isso, parto de minha própria experiência com uma bolsa de 6 meses para participar de um projeto em curso, fruto de um acordo de cooperação internacional entre a Escola de Serviço Social da UFRJ e o Depto. of Geography and Social Sciences do King's College London, Reino Unido (2019-2020); apoio a uma missão institucional de 20 dias à Universidade de Dundee, Escócia, Reino Unido (2023); e uma bolsa de pesquisador sênior no exterior de 6 meses para esta mesma universidade, de fevereiro a julho de 2024.

2. Primeira estação: Londres

No segundo semestre de 2019, me afastei das atividades didáticas para realizar meu pós-doutorado junto ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a supervisão da professora Cornélia Eckert. O projeto de pesquisa objetivava analisar os impactos da instalação da Universidade Federal para a Integração da América Latina (Unila), e previa a realização de entrevistas com estudantes estrangeiros e brasileiros daquela instituição; me interessava particularmente saber qual o papel que critérios de raça/cor, classe, gênero e territorialidade desempenhavam neste contexto. A Unila, cabe dizer, que se propunha a ser uma universidade multicultural, destinando cerca de 50% de suas vagas a alunos estrangeiros de outros países latino-americanos. Este modelo de instituição de ensino superior se somava a outras experiências semelhantes, como a da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), num quadro maior em que se discutia o fortalecimento de laços com o continente e um panorama de educação superior mais acessível, igualitário e solidariamente internacionalizado – voltarei a este último ponto mais adiante.

Durante a realização das primeiras entrevistas, levantamento bibliográfico e contatos com minha supervisora, recebi o convite para participar de outro projeto de pesquisa, coordenado pela professora Miriam Krenzinger, e resultado da assinatura de um acordo de cooperação internacional com o King's College London. Este projeto investigava situações de violência contra mulheres vinculadas a imigrantes brasileiras em contexto britânico, e o contexto violento que cercava brasileiras residentes no complexo de favelas da Maré, Rio de Janeiro, Brasil. Neste panorama, questões de raça/cor, classe, gênero e territorialidade

também eram preponderantes no entendimento do fenômeno. O convite era justamente para me engajar na investigação destas questões no estudo já em andamento.

Assim, passei a me aproximar não só da dinâmica de estudantes estrangeiros em solo brasileiro, mas também de imigrantes em território britânico a partir do fio condutor das violências. Na estadia em Londres, além do contato com minha supervisora local, também participei do projeto, a professora Cathy McIlwaine, tomei parte dos encontros da rede de estudos de gênero local, com pesquisadoras no Reino Unido que tematizavam a violência contra mulheres em diversos cenários nacionais, como Colômbia e Afeganistão; e tive contato com grupos de estudantes latino-americanas imigrantes da instituição, assim como estive presente em diversos eventos de discussão e ações sobre esta temática.

Nessa dinâmica, foi particularmente importante ter participado de um seminário sobre internacionalização do ensino superior, na Universidade da Cidade de Londres (UCL). A partir daí, fui entendendo que minha pesquisa era bem mais ampla do que poderia parecer, e abarcava questões sobre mobilidade humana, descentralização do conhecimento e políticas anticoloniais na academia e fora dela. Nas discussões ali desenvolvidas, compreendi que a mobilidade acadêmica é uma forma de deslocamento transnacional, e que, como a imigração, a circulação constante de pessoas para além das fronteiras, entre outros afastamentos, sempre se apresenta como “um salto para o desconhecido”, como Cox frisa. No entanto, esta mobilidade acadêmica ao menos pressupõe uma estadia provisória e uma volta com data marcada – embora por vezes esta volta nunca venha a se dar de fato (e na verdade possamos considerar que mesmo aqueles/aquelas que voltam já são outras pessoas, com novas atividades e ideias – neste sentido, a volta já é outra viagem).

Outra questão importante ali levantada foi a do papel de cada agente no processo de internacionalização: o Estado nacional e suas políticas de educação; as/os profissionais acadêmicas/os e seus familiares, que optam por sair de seus países de origem; as universidades e seus interesses por recursos e status; e finalmente o mercado, este ente que regula vidas e políticas – mesmo as educacionais - a partir do olhar econômico.

Na nova bibliografia, encontrei sugestões de leitura da realidade da internacionalização a partir principalmente das colocações de Perrota (apud Santos, 2017), que sugere haver dois tipos de processo: um, o comercial, orientado pelo e para o mercado, onde países do Norte Global cobram elevadas taxas para aceitarem estudantes estrangeiros e, nesta dinâmica, tornar o intercâmbio de conhecimento cada vez mais parecida com uma aprendizagem de paradigmas estabelecidos pelo Ocidente. Outro processo seria o da internacionalização solidária, que tem o sentido de uma efetiva troca de informações, epistemologias e experiências entre os partícipes e as instituições; parcerias em projetos, publicações, eventos, formação de redes de pesquisa, tudo passaria então pelo prisma da ampliação igualitária de pontes e conexões entre realidades diferentes. Um outro aspecto significativo foi entender, a partir inclusive da leitura de documentos oficiais do governo brasileiro sobre o assunto, que a internacionalização do ensino superior diz respeito a um conjunto de ações que visa justamente o compartilhamento e a geração coletiva do conhecimento a partir dos interesses da sociedade.

Dentro disso, pude colocar a criação da Unila como mais uma iniciativa de internacionalização do ensino superior, para além das mais comuns elencadas na bibliografia sobre o assunto, que focalizavam essencialmente o vaivém de estudantes, pesquisadores e professores. Além disso, esta instituição se caracterizaria por sua concepção

fundamentalmente solidária, não comercial. Uma instituição desenhada para cumprir uma função internacionalista, nessa perspectiva, me deu um fôlego novo para interpretar meus próprios achados de pesquisa.

Infelizmente, a experiência teve que ser encurtada e reconfigurada, por conta do evento da pandemia de Coronavírus. Em 2020, as universidades do Reino Unido foram fechadas, assim como as do Brasil; viagens se tornaram quase impossíveis e muito perigosas; encontros acadêmicos também foram suspensos e toda a sociabilidade redesenhada para ambientes sem interação. De minha parte, as entrevistas que deveria fazer com a Unila tiveram que ser realizadas online, e o acompanhamento do dia a dia de estudantes estrangeiros em Foz do Iguaçu, Paraná, sede da Unila, simplesmente não aconteceram. No Reino Unido, os encontros da rede foram suspensos, os congressos e encontros que havia marcado, cancelados, e eu precisei voltar ao Brasil e ficar confinada em minha própria casa.

De toda forma, da experiência em Londres, além dos contatos, da bibliografia e da ampliação do cenário da minha própria pesquisa, realizei ainda um artigo, em colaboração com as professoras Miriam Krenzinger, Cathy McIlwaine e Rosana Morgado (também companheira neste projeto), sobre as violências sofridas pelas mulheres da Maré e a incidência de relações de gênero, classe e raça associadas a este processo (cf. Krenzinger, Farias, McIlwaine e Morgado, 2021). Também participei de dois eventos no Brasil, apresentando os resultados do projeto, organizado pela equipe de coordenação e com a presença da professora McIlwaine. Em relação a meu próprio projeto de pós-doutorado, sobre a Unila, em 2022 publiquei os resultados em um artigo sobre ampliação de acesso e internacionalização do ensino superior (cf. Farias, 2022).

3. Próxima estação: missão Dundee

Em maio de 2023, embarco em missão institucional para Dundee, na Escócia, para estreitar o contato com a University of Dundee e com seu corpo docente. O objetivo último seria avançar na realização de um protocolo de intenções de firmar um acordo de cooperação internacional entre a UFRJ e aquela universidade.

Desde 2014, eu mantinha contato com o professor Fernando Lannes Fernandes, professor daquela instituição. Havíamos coorientado uma estudante de mestrado, Juliana Correa, e seguimos coorientando a aluna em seu doutorado na Fiocruz, a partir de convite da professora Fátima Cecchetto. Desta orientação, resultou um artigo, publicado em inglês no periódico *International Sociology*, em 2015 (cf. Correa, Cecchetto, Farias e Lannes Fernandes, 2015). Durante minha estadia em Londres, em 2020 aproveitei para conhecer Dundee e retomar contato pessoal com a equipe de lá, com vistas a futuras parcerias.

Assim, o planejamento da missão foi realizado a partir desta experiência prévia de parceria, e de debates e ações já iniciadas entre mim e o professor Fernando Lannes Fernandes. Na proposta inicial, constavam os termos para uma discussão exploratória com a equipe de Dundee, tendo como meta o encaminhamento de um acordo de cooperação internacional: parcerias em pesquisa; em publicações; em eventos futuros; troca de experiências e informação entre discentes e docentes de ambos os programas de pós-graduação em Serviço Social. Com uma agenda de encontros previamente montada, iniciei os contatos assim que cheguei, posto que se tratava de um curto período: 20 dias de viagem.

Um dos primeiros contatos realizados neste momento foi com o assistente social James Cox, com quem desenvolvi um projeto inovador de internacionalização no âmbito da pós-graduação em Serviço Social da UFRJ. Este projeto, Little Windows, permitiu o encontro e a interação produtiva de estudantes de Serviço Social das duas universidades e se desdobrou em um artigo de escrita coletiva que compõe o presente livro. Todas estas iniciativas foram realizadas após minha chegada, no segundo semestre de 2023 e no primeiro semestre de 2024.

Também assim que cheguei ao Brasil, em 2023, organizei um encontro online entre professores e pesquisadores da Universidade de Dundee e da UFRJ, co-coordenado pelo professor Lannes Fernandes, para sondar a possibilidade de novas parcerias em artigos, eventos e projetos de pesquisa.

Além disso, enquanto ainda em Dundee, no período de 20 dias de minha missão, fiz palestra sobre minhas pesquisas sobre internacionalização do ensino superior, tendo como estudo de caso a Unila; participei de um evento internacional em torno dos temas de mudança climática e justiça social – o Seminário Internacional Just Transition; e tive encontros com outras profissionais do Serviço Social da Universidade de Dundee. Estes encontros culminaram com a reunião com o professor Fernando Lannes Fernandes, o assistente social James Cox, a Coordenadora de Internacionalização da Universidade, Susan Levy, e o Diretor Jeff Blackford, onde comentários e sugestões sobre a proposta inicial foram feitos, e um novo encontro agendado, desta vez online, com a participação da Direção da Escola de Serviço Social/UFRJ e da Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ. Isto de fato ocorreu um mês após meu retorno ao Brasil. Nesta segunda reunião, afinal se concordou em selar o acordo, encaminhado em seguida para as instâncias administrativas adequadas em Dundee.

Os contatos ali iniciados foram importantes para a realização das primeiras ações. O professor Fernando Lannes Fernandes pode realizar no Brasil palestra para estudantes da graduação e da pós-graduação, encontros com a Coordenação e com o corpo docente de nosso Programa de Pós-Graduação. Além disso, como já foi dito, o desenrolar do projeto Little Windows envolveu ainda mais os estudantes do PPGSS nesta iniciativa de internacionalização. Também foi desenhada uma participação mais efetiva minha na organização da nova edição do Seminário Just Transition, que se daria em 2024.

Além deste convite, também fui chamada a participar do curso de mestrado em Serviço Social Global e Local, da Universidade de Dundee. Esta participação se realizaria a partir de uma aula sobre políticas públicas no Brasil com recorte de raça, gênero e classe, na disciplina coordenada pelo professor Theodor Mladenov. Este contato foi articulado por James Cox, parceiro no projeto Little Windows, e que é o idealizador e atual coordenador, além de professor, deste curso de mestrado. Minha aula seria em fevereiro de 2024.

Os desdobramentos pós-viagem e os novos convites já mencionados me incentivaram a pensar em uma outra viagem a Dundee. Enquanto o protocolo de intenções para assinatura de um acordo internacional com a Universidade de Dundee andava a passos lentos, a aproximação com colegas, discentes e profissionais de lá estava frutificando.

4. Terceira fase: o estágio sênior Capes Print

A oportunidade surgiu através da chamada, pelo PPGSS/UFRJ, para bolsas Capes Print de estágio sênior no exterior, que garantia recursos para uma estadia de seis meses como pesquisadora visitante na Universidade de Dundee. Eu me dediquei a desenhar meu novo plano de ação para esta estadia, com a ajuda do professor Fernando Lannes Fernandes, e o submeti a esta chamada. Obtive sucesso e, com o apoio e compreensão de meus colegas de Departamento, da Coordenação do PPGSS/UFRJ e da Direção da Escola de Serviço Social, viajei no início de fevereiro para Dundee.

Se na primeira viagem ao Reino Unido desenvolvi e atuei no projeto de pesquisa coordenado pela equipe da professora Krenzinger e pela professora McIlwaine, e ainda ampliei o escopo de meu próprio projeto de pós-doutorado, desta vez se tratava de aprofundar as discussões sobre internacionalização, tanto através de pesquisa como pelo estreitamento dos contatos já feitos e do estabelecimento de novos contatos.

O primeiro ponto se deu de múltiplas formas, mais do que eu poderia imaginar. Assim, além da aula na disciplina do professor Mladenov, também ministrei palestra sobre internacionalização do ensino superior a partir da perspectiva decolonial na Rede de Pesquisadores do Sul Global, e participei de seus encontros e conferências, a convite do professor Lannes Fernandes, assim como me engajei nos encontros semanais de seu grupo de pesquisa Brasil-Reino Unido em questões socioambientais a partir da visão de transição climática justa. Este grupo, que também reúne entidades comunitárias não-governamentais do Brasil, realizou um primeiro workshop na favela da Maré, com lideranças locais, e se prepara para um segundo encontro, ampliado, de que participarão entidades representativas de outras favelas do Rio de Janeiro; cabe mencionar que o projeto do professor Lannes Fernandes tem o suporte financeiro da British Academy, agência de fomento do Reino Unido. No entanto, a nova edição do encontro internacional Just Transition, de que eu participaria como comissão organizadora, não se realizou, por conta de dificuldades administrativas, o que frustrou minhas expectativas de trazer para o debate ambiental pesquisadores da América Latina que trabalham a questão.

A pedido ainda do professor Lannes Fernandes, aceitei ser coorientadora de uma aluna de doutorado da Universidade de Dundee, Rute Drach, que pesquisa a ressocialização de mulheres egressas das prisões escocesas e das políticas públicas voltadas a isso. Esta tem sido uma outra experiência enriquecedora do ponto de vista profissional, de troca de bibliografias, perspectivas e procedimentos diferentes no processo acadêmico e administrativo da pós-graduação nos dois países.

Ainda no sentido de aproveitar os contatos recém-feitos e os que anteriormente havia feito, desenhei e submeti a um edital da Capes um projeto de um seminário internacional, que contaria com a presença de vários destes e destas colegas de Dundee, assim como parceiros mais antigues, brasileiros e argentinos, que são membros do Grupo de Pesquisa CNPq que coordeno com a professora da ESS/UFRJ Kátia Mello – o Grupo de Pesquisa em Sociabilidades Urbanas, Espaço Público e Mediação de Conflitos (GPSEM). O projeto, embora aprovado no mérito, esbarrou na falta de recursos para sua realização. Estamos no momento trabalhando para sua viabilização, seja no formato presencial, híbrido ou virtual.

No momento, eu e o professor Fernandes trabalhamos em artigo científico em inglês sobre as experiências brasileiras em internacionalização e a perspectiva decolonial a partir de

uma visão do que ocorre também no Reino Unido. Pretendemos que esta colaboração seja publicada em revista britânica.

Fernando Lannes Fernandes ainda me ajudou a definir um projeto de pesquisa para submeter ao Comitê de Ética da Universidade de Dundee, focalizando outro ponto da internacionalização do ensino superior, a saber, a contribuição (até agora informal) que professores estrangeiros vêm dando para ampliar bibliografias, parcerias em pesquisa, publicações, eventos e mobilidade discente e docente aqui no Reino Unido. Como metodologia desta pesquisa exploratória, coloquei como meta a realização de dez entrevistas em profundidade com docentes e pesquisadores estrangeiros que atuam em universidades do Reino Unido. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da universidade; até o momento em que escrevo (julho de 2024), as dez entrevistas já foram realizadas, fechando a etapa da coleta de dados.

Um agradável e inesperado desdobramento de minha palestra na Rede de Pesquisadores do Sul Global foi o convite por parte de uma professora do Departamento de Educação da Universidade de Dundee que assistiu o evento, para inaugurar a série institucional de podcasts sobre educação e ensino superior que ela está coordenando. Assim, fui entrevistada sobre minhas pesquisas e sobre o cenário das políticas públicas de educação no Brasil por esta professora, Louise Campbell, resultando num podcast que será disponibilizado em breve para a comunidade do Reino Unido.

Outro desdobramento de contato anterior foi viabilizado a partir de nova conversa com a professora Susan Levy, que me apresentou a professora Kathryn Young, pesquisadora e com experiência profissional como assistente social em gênero, juventude e violência. Tendo este interesse em comum, convidei-a a participar de um evento online coordenado pela professora Miriam Krenzinger, da ESS/UFRJ, com a participação da professora Cathy McIlwaine e de docentes uruguaia e brasileira, sobre a temática dos Direitos Sexuais e Reprodutivos das mulheres. Eu e a professora Young decidimos então submeter um resumo a um congresso internacional sobre mulheres, a se realizar em setembro em Portugal, e nosso resumo foi aceito. A ideia é trabalhar comparativamente legislações e dados sobre gênero e violência na Escócia e no Brasil; depois da apresentação no congresso, transformaremos este trabalho em um artigo científico em inglês, a ser publicado em revista do Reino Unido.

A parceria com James Cox se desenvolveu em outras direções, também inesperadas e interessantes. Além do artigo escrito coletivamente já mencionado, fui convidada a dividir com ele uma aula online no curso de graduação em Serviço Social da Universidade Católica de Lviv, Ucrânia, ministrado pela professora Katheryna Buchko; nela, eu e James conversamos com a turma de alunes ucranianos sobre Antropologia e Serviço Social, a partir da experiência conjunta no projeto Little Windows. Ainda a convite dele, participei de visitas a serviços públicos de assistência a refugiadas, povos viajantes e pessoas sem teto, assim como a pessoas com deficiência. Em ambos os encontros, de que participaram também estudantes internacionais de pós-graduação em Serviço Social da Universidade de Dundee, houve apresentações dos profissionais destes serviços, explicando o contexto de atuação, fornecendo estatísticas e experiências concretas resultantes das políticas.

Em uma destas visitas, tive contato com o assistente social Alessandro Insalaco, que, ao saber de meus interesses de pesquisa e área de atuação, se prontificou a me apresentar aos serviços públicos de assistência a mulheres em situação de violência. Assim, visitei e conversei com assistentes sociais que coordenam cursos e rodas de conversas com homens que

cumprem pena por violência doméstica, e também do Centro Internacional das Mulheres, que desenvolve atividades de integração de mulheres às comunidades escocesas, particularmente mulheres migrantes.

No entanto, apesar de todas estas iniciativas de demonstrações das possibilidades de parcerias úteis para ambos os lados, o protocolo de intenções para firmar um acordo de cooperação internacional segue preso nas malhas finas dos trâmites burocráticos.

5. Internacionalização do ensino superior: reflexões sobre contextos e desafios

O processo acima narrado deixa algumas pistas e desenha um cenário de internacionalização. Em primeiro lugar, cabe pensar em qual o desejo em que se apoia a internacionalização; a vontade de estabelecer conexões e trocas científicas, alargando e aprofundando o conhecimento da vida em sociedade? Ir no contrafluxo dos paradigmas ocidentais, repensando a relação entre pensamento dominante e outras formas de compreender o mundo? Estabelecer relações do tipo custo-benefício, para beneficiar a máquina educativa em alguma medida, com novas injeções de recursos? Para que, e para quem, serve internacionalizar?

O caso brasileiro que estudei, do esforço para criar instituições multiculturais, como a Unila, a Unilab, a UFFS, a Unipampa, é útil para descortinar novas possibilidades de internacionalização, para além da já tradicional mobilidade discente e docente. Esta experiência por que passei no exterior também me estimulou a refletir sobre o papel que docentes estrangeiros estabelecidos em universidades que não as de seus países de origem cumprem neste quadro; ao introduzirem novas bibliografias, novas abordagens, mantendo parcerias com colegas de sua região natal, estes vão informalmente, inoculando também uma perspectiva mais diversa e mais crítica na formação de estudantes e nas interações entre pares.

No entanto, são contextos sócio-políticos e econômicos bastante diferentes. No caso do Brasil, e destas instituições, estamos lidando ao mesmo tempo com uma ampliação da influência brasileira no panorama internacional do chamado Sul Global, algo politicamente interessante do ponto de vista governamental; ao mesmo tempo, também se revela como uma tentativa de internacionalização solidária, onde a perspectiva do ganho financeiro a curto prazo não é predominante, e sim o fortalecimento de redes de conhecimento e atuação.

Outra é a situação de docentes e pesquisadores sediados em países do Norte Global, lidando com um pensamento e uma forma de agir eurocêntricas e homogêneas, onde a perspectiva de internacionalização se baseia numa visão orientada pelo e para o mercado, e o ganho financeiro ocasionado pela atração de estudantes estrangeiros se torna o principal objetivo. O pagamento de taxas elevadas para participarem das universidades do Norte Global se desdobra na constatação de que apenas os mais ricos membros dos países em desenvolvimento poderão “fazer esta travessia”; também, isso implica que o montante de dinheiro extraído destes países se revela como outra forma de drenagem de recursos das ex-colônias e dos países do Sul Global em geral.

Um cenário sem dúvida complexo. A correlação de forças internacional faz pensar num incentivo – muito bem-vindo – em centrar esforços com parcerias entre países do Sul Global, para fortalecer seu papel no panorama mundial, abalando e facilitando a

disseminação de conhecimento, ações e políticas de outros locais do planeta. Neste sentido, mobilidade docente e discente, novos tipos de instituições, o aproveitamento de profissionais brasileiros situados em universidades no continente latino-americano, africano e asiático, por exemplo, seriam iniciativas estratégicas e de interesse de todos os agentes envolvidos – Estado, pesquisadores, sociedades, instituições.

Mas o que pensar no caso de parcerias com instituições localizadas no Norte Global? Afinal, minha experiência se deu em dois países do Reino Unido, uma das economias mais fortes do planeta, e sede daquele que foi um dos maiores impérios da história ocidental, o britânico. O que posso dizer neste caso é que, de um lado, a força da abordagem comercial mencionada antes, onde o foco está no ganho imediato de recursos a partir das altas taxas pagas pelos estudantes estrangeiros, é e continuará sendo um dos principais atrativos da internacionalização para países com os do Reino Unido e dos Estados Unidos, apenas para citar alguns. Posso imaginar que a demora em oficializar um acordo com o Brasil, por exemplo, tenha a ver com este aspecto da relação Norte-Sul.

Entretanto, outras forças também agem, e em outra direção. Falo aqui de grupos de pesquisadores, estudantes, técnicos, que trabalham nestas instituições dos países ditos centrais, mas que se inclinam para uma perspectiva crítica, plural e multicêntrica, e que se esforçam para que outras parcerias se firmem para além da demanda monetária e da reafirmação dos paradigmas eurocêntricos. Esta correlação interna de forças deve ser levada em conta no planejamento e execução de acordos de cooperação internacional.

Volto assim à questão anteriormente colocada: para que, e para quem, serve internacionalizar a educação superior? Se, entre países em desenvolvimento, a ampliação de horizontes de pesquisa, informação e conhecimento, serve para estreitar laços culturais, políticos e econômicos, e para auxiliar na construção de contranarrativas não-hegemônicas, a criação de conexões com universidades dos “países ricos” pode funcionar como uma etapa na visibilização do conhecimento gerado em outros lugares, não-centrais. Além disso, serve para internamente fortalecer grupos mais afinados com teorias, propostas e ações mais críticas e ao mesmo tempo mais solidárias de internacionalização.

Quijano (1992, 2000) considerava que a luta por uma decolonização epistemológica era um passo necessário para uma nova comunicação intercultural, e para uma real troca de experiências e de significados, o que levaria a uma liberdade de escolha entre diferentes tendências culturais, apta a produzir, a criticar e a transformar culturas e sociedades. De acordo com o autor, esta decolonização epistemológica é parte do processo de libertação social de qualquer poder organizado a partir dos eixos da desigualdade, da discriminação, da exploração e da dominação.

Obviamente, falamos aqui de potencialidades e de um cenário futuro. Para o momento, a internacionalização do ensino superior pode ser vista como sendo uma oportunidade em direção ao diálogo intercultural e ao respeito pelo pensamento não-hegemônico. Para isso, considero importante que algumas condições estejam presentes. Algumas delas já foram colocadas, mas vale a pena citá-las: ampliação da própria definição de internacionalização, para que abarque iniciativas a princípio desconsideradas – como a participação de pesquisadores brasileiros porém sediados em outras nações do globo; imaginação para criar novas formas de interação e cooperação – como sinaliza o projeto Little Windows, por exemplo; e a tentativa de conexões com instituições de diversos países, sempre levando em conta as estratégias que as envolvem.

Em todo este cenário, a importância do papel do Estado é enorme. Uma política de internacionalização nítida, direcionada, constante, pode efetivamente modificar o panorama atual de pouca penetração brasileira na rede mundial do conhecimento. Neste quadro, ressalto a necessidade de superar barreiras linguísticas, através do acesso a aplicativos de tradução, do esforço para publicações científicas bilíngues, de um plano de treinamento em outras línguas para docentes e discentes brasileiros e do investimento em tradução de artigos e livros.

Minhas experiências acima relatadas também reforçam o caráter de esforço continuado do investimento estatal para que se construa e se mantenha relações com outros países. Não parece produtivo subsidiar viagens isoladas; há que se pensar sempre na permanência e na regularidade destes contatos, nas diversas formas em que eles podem se dar: missões, mobilidade estudantil e para pesquisa, propostas de eventos internacionais, e outros a serem pensados. Também imagino que estes contatos não necessariamente devam se dar a partir de uma só pessoa, mas abranger pesquisadores de um dado grupo de pesquisa, como foi o caso de minha primeira viagem, a Londres, em que representei a equipe coordenada pela professora Miriam Krenzinger, por exemplo. A própria professora Miriam já havia estado por um período em Londres, pelo mesmo projeto, enquanto a professora Rosana Morgado havia sido igualmente contemplada com bolsa de pós-doutorado no King's College London em 2019, para desenvolver outras atividades dentro do mesmo projeto.

Considero que há muitas oportunidades de uma conexão produtiva, transformadora, ao mesmo tempo teórica e prática, entre grupos de pessoas dedicadas à reflexão e ação críticas de diversos países. O suporte à construção e à manutenção destas redes assim conectadas necessita de uma participação incisiva do Estado brasileiro, e do apoio decidido de gestores universitários, com o desenvolvimento de planos de internacionalização internos, para ser realizado com amplitude e força.

6. Referências

CORREA, Juliana; CECCHETTO, Fátima; FARIAS, Patricia Silveira de; LANNES FERNANDES, Fernando. Poor Youth and 'Pacification': Dilemmas Between Discourse and Practice from the Perspective of Young People about Policing Rio de Janeiro's Favelas. *In: International Sociology*, v. 31, p.100-120, 2015.

FARIAS, Patricia Silveira de. A busca por um Novo Mundo: políticas públicas, latinoamericanismo e liminaridade a partir de pesquisa sobre a Universidade Federal para a Integração Latino-Americana (Unila). *In: Advir (Asduerj)*, v. 30, n. 43, p. 68-78, 2023.

KRENZINGER, Miriam; FARIAS, Patrícia Silveira de; MCILWAIN, Cathy; MORGADO, Rosana. Violência de gênero e desigualdade racial em uma pesquisa com mulheres no território conflagrado do conjunto de favelas da Maré/Rio de Janeiro. *In: Trabalho Necessário*, v. 19, p.266-289, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidade. *Perú Indígena*, 13 (29). Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power, Eurocentrism, and Latin America. *In: Nepantla – Views from South*, 1 (3), Duke University Press, 2000. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347342/mod_resource/content/1/Quijano%20\(2000\)%20Colinality%20of%20power.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347342/mod_resource/content/1/Quijano%20(2000)%20Colinality%20of%20power.pdf) . Acesso em: 09 abr. 2024.

SANTOS, E. Internacionalização da educação superior: a opção geopolítica pela integração regional nos casos da Unila e da Unilab. *In: Laplage em Revista*, v. 3, n.3, set/dez 2017, p. 30-51, 2017.